



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BOLETIM.

PAÚL, Gaspar L. de A. C.

Ano: 1890 | Número: 7

Como citar este documento:

PAÚL, Gaspar L. de A. C., Boletim. *Revista de Guimarães*, 7 (2) Abr.-Jun. 1890, p. 85-99

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

BOLETIM

Devendo ser esta secção, como muito bem disse no primeiro numero d'esta Revista o nosso illustradissimo consocio, snr. dr. Avelino da Silva Guimarães, *apenas a publicação fiel dos factos, que as actas comprovam*, e devendo tambem ser succinta, vamos, no cumprimento do nosso dever, apresentar o boletim do ultimo trimestre o mais resumido possivel.

Tendo feito o conflicto luso-britannico vibrar todas as fibras do coração portuguez com um extraordinario enthusiasmo, emocionando-o com a mais justa e patriotica indignação, a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO não podia, nem devia, ficar indifferente, nem deixar de fazer o seu protesto energico contra um attentado tão miseravel e brutal da refalsaria Inglaterra — essa especuladora e perfida alliada, que tanto nos tem espoliado — contra essa affronta vil da Albion poderosa, que é tão forte e insolente com os fracos, como extremamente cobarde, quando a força se lhe impõe, abatendo-lhe o orgulho.

A direcção, pois, julgou do seu dever promover uma assembléa geral, em fórma de comicio, em que fossem admittidos, além dos seus estimados consocios, todos os vimaranenses, que quizessem acompanhal-a no seu protesto e adhesão á propaganda patriotica. Para isto fez a convocação para o thea-

tro de D. Affonso Henriques, por não ter a sua casa necessaria capacidade para comportar uma extraordinaria concorrencia.

Effectivamente teve logar esse comicio, que foi imponentissimo, no dia 19 de janeiro d'este anno.

Ácerca d'elle, deu a seguinte noticia a *Religião e Patria* de 22 do mesmo mez :

« O comicio promovido pela SOCIEDADE MARTINS SARMENTO para se protestar contra a brutal violencia de que Portugal foi victima por parte da Inglaterra, o qual teve logar domingo de tarde no theatro D. Affonso Henriques, foi imponentissimo.

« Por proposta do snr. presidente d'aquella Sociedade, foi nomeado presidente do comicio o exc.^{mo} snr. Domingos Leite de Castro, o qual indicou para secretarios os snrs. João Pinto de Queiroz e José Joaquim d'Oliveira.

« Depois do snr. Leite de Castro ter exposto, em phrases nobilissimas, o fim da reunião, tomou a palavra por parte da Sociedade, o seu digno presidente, o snr. dr. Motta Prego, para apresentar as propostas que a direcção da mesma Sociedade tinha resolvido apresentar no comicio, fundamentando-as largamente.

« Em seguida discursaram larga e eloquentemente os snrs. abbade de Tagilde, Adolpho Salazar, academico Antonio de Freitas Ribeiro, dr. José da Cunha Sampaio, dr. Bráulio Caldas e Antonio Augusto da Silva Caldas, sendo todos calorosa e entusiasticamente applaudidos com numerosos vivas e salvas de palmas.

« O snr. dr. Joaquim José de Meira, que a doença retinha em casa, mandou uma carta felicitando a direcção da Sociedade pela sua patriotica iniciativa, e declarando a sua mais profunda e entusiastica adhesão a todas as resoluções da assembléa tendentes a protestar contra o aggravo insolito e brutal da nação ingleza.

« O comicio, em que reinou sempre a melhor ordem e o mais vivo e patriotico enthusiasmo, terminou ás 6 $\frac{1}{2}$ da noite, tendo principiado ás 4 horas da tarde.

« As propostas votadas foram as seguintes, a ultima das quaes foi formulada pelo snr. dr. A. de Freitas Ribeiro, a penultima pelo snr. Adolpho Salazar e as demais pela direcção da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO :

« Dirigir á Sociedade de Geographia de Lisboa em nome da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO e do povo vimaranense, uma mensagem de adhesão á propaganda patriotica que empreendeu.

« Felicitar o major Serpa Pinto, Alvaro de Castellões e companheiros pelos serviços prestados á patria e á civilisação.

« Consignar um voto de subido louvor ao snr. conselheiro Barros Gomes pelo modo patriotico como se houve no conflicto com a Inglaterra; e um voto de confiança ao actual ministro dos estrangeiros, que saberá salvaguardar, nas negociações com o governo inglez, os direitos de Portugal.

« Levar ao conhecimento do governo o voto da assembléa, para que estreite as relações com os paizes que comosco mais affinidade tiverem de raça e historia.

• Transmittir igualmente ao governo o voto da assembléa para se

reorganisarem as forças economicas e financeiras da nação, promovendo o desenvolvimento da industria nacional, do commercio, da agricultura e instrucção respectiva.

« Consignar um voto de muito louvor á imprensa periodica e mocidade academica, pelo modo por que têm procurado inspirar ao paiz os mais elevados sentimentos de patriotismo.

« Pedir á Associação Commercial d'esta cidade o seu auxilio na constituição da liga anti-britannica, que a academia de Coimbra trata de organisar com a cooperação de todas as associações commerciaes do paiz.

« Que se officie aos parochos do concelho pedindo-lhes para aconselharem os seus freguezes a não embarcarem, quando emigrem, nos paquetes inglezes, por ser de recear os maus tratos da parte do pessoal d'esses paquetes nos passageiros de 3.^a classe, sobretudo nos menores. »

Foram dirigidas todas as mensagens, a que as propostas se referem, e a Sociedade recebeu as respostas seguintes :

« Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. — Com a maior satisfação, recebi a communicação de v. exc.^a em nome d'essa benemerita, patriotica e muito sympathica Sociedade.

« O governo todo, a quem dei parte do que v. exc.^a me communicou, aprecia e agradece os sentimentos patrioticos da Sociedade, e ha de fazer todos os esforços para justificar a confiança que ella se digna prestar-lhe, assim como a de todos os portuguezes que pensam, acima de tudo, nos interesses e na dignidade do paiz. — Deus guarde a v. exc.^a — Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. presidente da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. — O presidente do conselho, *A. de Serpa Pimentel.* »

« Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. — Penhorou-me sobremodo o testemunho, para mim honrosissimo, que v. exc.^a me communicou em seu officio de 24 do corrente. A cidade de Guimarães, monumento vivo da nossa tradição, não podia vêr com indifferença o empenho sincero, com que lidei porfiadamente durante quatro annos, de restaurar a melhor das nossas tradições historicas e assegurar assim o que ainda poderia constituir um futuro glorioso para Portugal.

« Não foram coroados de exito os meus esforços. Sinto-o pelo meu paiz, sinto-o pelos nossos exploradores benemeritos, que recordam os portuguezes d'outras éras, e cujos trabalhos quando forem, como ainda não estão, inteiramente conhecidos pelo paiz, lhes assegurarão um titulo duradouro para a gratidão nacional.

« Só me resta agora fazer ardentés votos para que ainda seja dado ao nosso bom direito triumphar dos obstaculos que contra elle se levantem, e esta comunidade no sentir com a Sociedade benemerita a que v. exc.^a preside, e com o povo da historica cidade de Guimarães, é que explicam a mensagem honrosa que se me dirigiu, e a grata commoção com que por mim foi recebida. — Deus guarde a v. exc.^a — Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. presidente da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. — *Henrique de Barros Gomes.* »

« Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. — Em nome da Sociedade de Geographia de Lisboa, e por seus expressos desejos, cumprimos o grato dever de depôr perante v. exc.^a e os briosos cidadãos que v. exc.^a dignamente representa, o nosso profundo agradecimento pela manifestação generosa de confiança, de applauso e de patriótica adhesão com que se dignaram honrar a mesma sociedade.

« A par do profundo sentimento de repulsão e de magoa, que á nossa consciencia, como á de todos os cidadãos portuguezes, inspira o procedimento indigno e brutal do governo britannico, é-nos consolação e estímulo gratissimo podermos registrar nos modestos fastos dos nossos trabalhos sociaes a reivindicção valorosa da grande alma portugueza, que estas geraes e espontaneas manifestações de solidariedade e de honra nacional calorosamente traduzem á face do Mundo e da Historia.

« Creia v. exc.^a, e póde afirmar aos seus dignos collegas, que as suas honrosas adhesões ao nosso protesto mais e mais nos hão de afervorar no serviço e na defeza da Sciencia, do Direito e da Historia. Deus guarde a v. exc.^a — Ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. presidente da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. — Lisboa, Sociedade de Geographia, 31 de janeiro de 1890. — *Francisco Maria da Cunha*, presidente. *Luciano Cordeiro*, secretario perpetuo. *Palermo de Faria*, secretario annual.»

A carta do nosso illustrado consocio, snr. dr. Joaquim José de Meira, que foi lida na assembléa, e a que se refere a local transcripta, é do teor seguinte:

« Exc.^{mo} snr. — Preso pela doença, não posso assistir á reunião da assembléa geral de hoje. Sinto-o do coração. No entanto permittame v. exc.^a que eu por esta fórma felicite a digna direcção da Sociedade pela sua patriótica iniciativa, e lhe declare a minha mais profunda e entusiastica adhesão a todas as resoluções da assembléa tendentes a protestar contra o agravo insolito e brutal da nação ingleza.

« Já que não temos forças materiaes que possam justificar outro procedimento, sejamos ao menos dignos, energicos e levantados na manifestação do nosso protesto.

« A Inglaterra, que desgraçadamente, durante a sua calamitosa aliança de seculos, nos tem encontrado quasi sempre humildes, subser-vientes e accomodados para todas as suas exigencias e extorsões, receberá talvez hoje uma surpresa, e seguramente uma lição que nos honra e aproveita no futuro.

« Depois d'isto, não sirva o patriotismo só para espalhafatos de occasião. Inspirados no verdadeiro espirito de progresso, procuremos melhorar as condições do trabalho nacional, d'onde deriva toda a riqueza publica.

« Só assim acabará de vez a ominosa tutela ingleza.

« Esta parte do problema actual é incomparavelmente mais difficil e de mais demorada execução. É trabalho para muitos annos; é trabalho para ser meditado e dirigido com cuidado, com paciencia, com firmeza, com serenidade, mas sem interrupção, sem receios e sem desanimos.

« Ninguem se persuada de que a nossa desforra será completa

quando se tiver extinto o echo do ultimo viva ou do ultimo morra das nossas expansões patrioticas.

« Não. Mas não desanimemos. Á reacção apaixonada e calorosa que hoje ferve em todos os departamentos do paiz, succeda a aspiração firme, persistente e serenamente patriotica a promover e consolidar a emancipação, a honra, o prestigio e a riqueza da nossa patria. Só assim, não obstante a pequenez do nosso territorio continental, seremos considerados e respeitados pelas grandes nações.

« É este o verdadeiro campo da lucta, este campo em que a SOCIEDADE MARTINS SARMENTO ha oito annos vai desenvolvendo as suas forças.

« Empenhemo-nos porque todos trabalhem n'elle, porque todos sejam dignos e honrados; pois que a honra e a riqueza nacional não é mais que a somma da honra e do trabalho de cada um de nós.

« Viva Portugal! Viva a nossa patria!

« Sou com a maxima estima e consideração,

De v. exc.ª

amigo e consocio muito attento e venerador

J. de Meira.

« Guimarães, 19 de janeiro de 1890. »

*

Na sessão de 31 de janeiro, a direcção aceitou as condições, com que lhe foi facultado abrir uma nova porta para a torre da igreja de S. Domingos, supprimindo o balcão que dava accesso a ella. Essas condições são:

1.ª A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO poderá abrir á sua custa, na parte poente da torre da igreja de S. Domingos, uma porta nova para serviço da mesma torre em substituição da actual, e com as mesmas dimensões d'esta.

2.ª A porta actual, depois de aberta a nova que a vai substituir, será tapada solida e convenientemente, e será tambem retirado o respectivo balcão e telhado que a cobre, para mais se não fazer uso nem da velha porta, nem do balcão.

3.ª A Sociedade responsabilisa-se por qualquer prejuizo que da abertura da nova porta advenha á torre, seu relógio e sinos, e á igreja e suas dependencias, salvos os casos de força maior, garantindo essa responsabilidade com todos os seus haveres sociaes. Esta responsabilidade durará pelo espaço d'um anno a contar do dia em que se terminar a abertura da nova porta, devendo julgar-se terminada desde que dentro d'esse praso nenhum prejuizo tenha acontecido.

4.ª A obra da abertura da porta será feita consoante as indicações e direcção do engenheiro encarregado da obra pela Sociedade.

5.^a A Sociedade mandará compôr á sua custa a varanda que dá passagem para a trazeira do altar do Senhor Jesus, de modo que se possa subir pelas escadas da torre e passar d'ellas para a mesma varanda; e mandará recompôr o telhado que cobre essa varanda de modo que fique na mesma posição em que actualmente se acha.

6.^a A Sociedade mandará collocar á sua custa uma porta de varões de ferro na entrada do corredor que dá entrada para as escadas da torre, com chave que será entregue á Veneravel Ordem Terceira; e mandará terraplenar esse corredor desde o principio das escadas até á porta da rua com a necessaria inclinação para as aguas pluviaes correrem para esse lado da rua.

7.^a A vedação da porta pela qual se passa do claustro para a sacristia será feita com pedra, mas de modo que no alto d'essa porta fique uma abertura com grade de ferro e vidros que tenha a largura actual da porta e cincoenta centimetros de alto.

*

No dia 9 do passado mez de março, em que esta Sociedade realisou a sua oitava festa solemne depois da sua installação, teve logar a distribuição de premios aos alumnos das aulas d'instrucção primaria do concelho, que mais se distinguiram na sua applicação e comportamento durante o ultimo anno lectivo.

Ácerca d'esta sympathica festa escreveu a *Religião e Patria* de 12 de março o seguinte :

« Com o esplendor e solemnidade que caracteriza sempre os actos da benemerita SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, realisou ella, no passado domingo, a dupla festa annual do seu anniversario e do anniversario natalicio do illustre vimaranense de que tomou o nome, com a distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das escolas primarias do concelho.

« Na casa, elegantemente adornada, mal cabia o numerosissimo concurso de senhoras e cavalheiros que alli accorreram a presenciar aquella mais que tudo sympathica festa, — a festa da instrucção e do estudo.

« Presidiu o nobre conde de Margaride, dignissimo presidente da camara municipal.

« O snr. dr. Antonio Coelho da Motta Prego, presidente da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, leu uma allocução, congratulando-se em nome da Sociedade pelo publico testemunho que a presenca alli do digno presidente da camara para presidir a este festival do estudo, lhe dá de que esta tributa a devida justiça aos esforços da mesma sociedade em favor da instrucção do municipio. Que não lhe competia a elle dizer como é que a Sociedade, que se impoz promover a instrucção popular do concelho, se tem desempenhado d'essa missão, mas que um dos meios mais efficazes, que ella para isso tem empregado era este da

distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das escolas primarias, porque o premio sendo recompensa para os estudiosos, é tambem estímulo para os menos applicados e honra para os professores, vindo d'aqui a grande virtude d'estas solemnidades que impressionando o espirito infantil, lhes faz conceber uma grandiosa idéa do estudo, e lhes firma na alma a convicção de que só a um merecimento proprio, revelado na applicação e aproveitamento, é apreciado. Que agora mais do que nunca urge promover a diffusão da instrucção, essa poderosissima força do progresso, porque só da falta d'ella deriva o definhamento da nossa agricultura, o atrazo da nossa industria fabril, o absentaismo, a emigração, a emprego-mania, todos os males emfim que affligem a sociedade portugueza. Que se a ignorancia é a mãe da pobreza e da miseria, a instrucção é um patrimonio, e a instrucção primaria, que é a chave da vida, contem em germen todas as riquezas e todas as grandezas sociaes. E agradecendo de novo ao snr. conde de Margaride a honra da sua presidencia, terminou fazendo votos por que os poderes publicos, melhor inspirados, reformem a legislação que, em vez de afoutar as camaras a proseguirem no desenvolvimento da instrucção, multiplicando as escolas, lhes traz só obstaculos e difficuldades á generosa iniciativa.

«O snr. conde de Margaride, depois de agradecer o logar da presidencia lamentou que os deveres do cargo não deixassem assistir a esta festa um hospede illustre de Guimarães, que no pouco tempo da sua residencia aqui se tinha imposto ao respeito publico como cavalheiro e magistrado, e fez o elogio do actual snr. juiz de direito.

«Respondendo á allocução do snr. Motta Prego, disse que a um vimaranense, que nobilitara a sua terra pelo estudo, Guimarães respondera com a creação d'um instituto simultaneamente perpetuador do nome do nosso conterraneo e estímulo ao seguimento d'aquelle exemplo. Alludiu á vida litteraria do snr. F. Sarmento agora (no outono da vida) e na mocidade a que chamou primavera. A este proposito com bastante desenvolvimento comparou praticamente as flôres com os fructos; e voltou a fallar na escola. Definio o que era a ignorancia considerada civil, criminal, economica e religiosamente, e o que era o contrario.

«Fallou da questão ingleza, entendendo que era pelo desenvolvimento das nossas industrias e pela boa administração que podiamos combater a Inglaterra. Encareceu a necessidade da escola primaria — base de todas as outras escolas — louvor á SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, pelo empenho que sempre tem mostrado em promover, por todos os meios ao seu alcance, a instrucção, principalmente a instrucção popular.

«Depois da distribuição dos premios, que consistiam em livros e n'um formoso diploma, e que foram entregues aos alumnos pelo snr. conde de Margaride, presidente, discursaram largamente e com a sua costumada eloquencia os snrs. dr. José da Cunha Sampaio e dr. Joaquim José de Meira, bem como os illustrados professores primarios, Crespo, da escola official de Sande, e Lage, da escola official de S. Torquato.

«O snr. Crespo referiu-se á justiça e conveniencia de se estimularem, galardoando-os, os professores, o que suggeriu ao snr. conde de Margaride, concordando, a nobre iniciativa que tomou offerecendo 36\$000 reis para serem dados em premio, na futura distribuição de premios, ao professor mais zeloso e competente.

« Os snrs. drs. Sampaio e Meira, nas considerações que eloquentemente fizeram, alludiram ao conflicto inglez, e notaram acertadamente que sendo o paiz fraco e pobre, o unico campo para a guerra consiste no robustecimento das nossas forças vivas, da agricultura, da industria, do commercio, pelo desenvolvimento da instrucção, pelo alargamento d'empresas e pela applicação patriótica dos capitaes.

« Á porta tocava uma banda de musica.

« Á sessão, que terminou depois da 1 hora da tarde, assistiram entre outros muitos cavalheiros e senhoras, as auctoridades civis, administrativas, militares, representantes de corporações e da imprensa local, todos os professores do concelho e alumnos. »

Os alumnos premiados foram :

Maria de Jesus Oliveira, da escola da V. Ordem Terceira de S. Francisco.

Amelia Figueira de Sousa, da escola do Asylo de Santa Estephania.

Rosa Estephania Fernandes Cruz, da escola official primaria de Guimarães.

Adelina Augusta de Freitas, idem de S. João das Caldas de Vizella.

Adelia Augusta Teixeira da Costa, da escola da Real Irmandade dos Santos Passos.

Maria Rita, da escola primaria official de S. Martinho de Sande.

Herminia Fernandes da Silva, idem de Nespereira.

Antonio José Gonçalves, idem de S. Lourenço de Sande.

Manoel Raymundo, idem de Gondomar.

Abel Gorgel Ferreira, idem de S. Martinho de Sande.

Julio Augusto Borges, idem de Guimarães.

Manoel d'Abreu, idem de S. Jorge de Selho.

Manoel de Miranda Pedroso, idem de S. Miguel das Caldas de Vizella.

Manoel Alves d'Abreu, idem de Nespereira.

José da Silva Ferreira, idem das Taypas.

Antonio Machado, idem de Brito.

Firmino José Lopes, idem da freguezia de S. Torquato.

Domingos Martins Fernandes, da escola da V. Ordem Terceira de S. Francisco.

Antonio Alves Ferreira, da escola do Sagrado Coração de Jesus.

José Martins Pinto, da escola nocturna primaria de Vizella.

Domingos Gomes, da escola primaria de S. Salvador de Briteiros.

Francisco da Silva Fernandes Assis, da escola nocturna primaria de Guimarães.

Manoel Ribeiro de Souza Mascarenhas, da escola do Asylo de Santa Estephania (*classe complementar*).

Antonio Maria do Amaral e Freitas, idem (*classe elementar*).

Arão Pereira da Silva, premio « Marianno de Carvalho » — 9\$000 reis. (Foi-lhe conferido por ser o que maior classificação obteve no exame de instrucção primaria complementar, que fez n'este concelho, no anno findo).

*

No mesmo dia á noite, realiso o nosso distincto consocio e abalizado advogado, snr. dr. Avelino da Silva Guimarães, uma conferencia publica na sala principal da casa da Sociedade perante um selecto e numeroso auditorio, tendo por thema a *Existencia da crise agricola portugueza, especialmente no Minho; causas geraes da crise e meios principaes de a attenuar.*

Sobre a apreciação d'esta notavel e interessante conferencia damos a palavra ao *Commercio de Guimarães*, de cujo n.º 540 de 10 do mesmo mez transcrevemos a seguinte noticia:

« O snr. dr. Avelino da Silva Guimarães, distincto e considerado jurisconsulto d'esta cidade, realiso hontem, no salão da bibliotheca da SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, a conferencia que haviamos noticiado, tomando por thema: *Existencia da crise agricola portugueza, especialmente no Minho; causas geraes da crise e meios principaes de a attenuar.*

« S. exc.^a houve-se brilhantemente, como era de esperar do seu vasto talento, profundos conhecimentos e fino criterio com que costuma tratar os assumptos de que se encarrega, sendo por vezes interrompido por applausos do selecto auditorio que o escutava. Desculpe-nos s. exc.^a esta levissima apreciação, que, se pôde ser tida de suspeita pelo muito que lhe queremos, representa todavia a nossa profunda convicção, e estamos certos de que de todo o auditorio.

« Registamos com muito prazer e louvor o comparecimento das damas vimaranenses á conferencia, que, como crêmos, não será a ultima; comparecimento que traduz indubitavelmente a profunda e radical transformação dos nossos costumes.

« Vamos aproximadamente dar a summula do discurso do illustre conferente.

« Disse s. exc.^a:

« Que a crise agricola é um facto social, economico, geral nos paizes do centro e occidente da Europa; que por isso Léon Say qualifica a questão agricola — a grande questão do dia. Que na conferencia, conversa familiar entre consocios, não faria uma exposição historica da propriedade; que nos nossos historiadores, em Coelho da Rocha, Herculano e outros, nos trabalhos de jurisconsultos, nos modernos trabalhos parlamentares, no projecto de fomento rural do snr. Oliveira Martins, o estudioso encontrará as mais completas noticias.

« Que aceitava os factos como se apresentam actualmente. Que a crise agricola tem causas historicas, economicas e juridicas conhecidas; que hoje se tornou objecto de preocupação geral.

« Que conhecido o estado do paiz, e o que se relata dos estranhos, reputa como principaes causas geraes da crise as seguintes: augmento

tributario, progresso agricola de novas terras, excesso de divisão predial de natureza individualista, excesso de dividas de letras de cambio e titulos hypothecarios.

« Que o excesso tributario é geral na maior parte dos paizes continentaes; que uniformemente se indicam como causas — a manutção de grandes exercitos, o excessivo desenvolvimento de grandiosas obras publicas, a elevação consequente de dividas nacionaes sem correspondencia no incremento de receita geral. Que, directa ou indirecta, todos os paizes têm augmentado a materia tributaria. Que, n'uma consideração generica ou absoluta, é indifferente que o augmento seja de predomínio indirecto, como em Portugal, ou do directo como na Italia e Hungria, porque, embora os indirectos perturbem immediatamente as classes mais desfavorecidas, todo o augmento produz encarecimento de serviços e productos, e por isso mais ou menos reflexamente vem affectar todas as classes, e por isso a agricola.

« Que estes excessos têm concorrido para o mal-estar da agricultura: que n'Allemanha e França as arrematações coercivas por dividas fiscaes attingiram numeros extraordinarios; que na Italia, em menos de dez annos, desde 1871 a 1877, só por dividas tributarias, foram adjudicadas á fazenda publica 11:092 propriedades! Que isto recordava uma pagina da decadencia do antigo imperio.

« Que em Portugal se soffre do mesmo aggravamento, e, como n'outros paizes, não é só do Estado: o aggravamento começa na parochia, sobe ao municipio e districto, e termina no Estado.

« Que para nenhum governo é facil deter a roda dos agravamentos, porque os governos não podem directa e rudemente contrariar a vontade do povo. Que no paiz todos se queixam da elevação tributaria, e contradictoriamente não cessamos de pedir melhoramentos; que estes só podem custear-se com os impostos.

« Que outra causa de crise é o progresso agricola nos novos continentes; que na Africa se cultiva a vinha com cuidado na Argelia, e ha terrenos feracissimos, apropriados aos cereaes; que estes se produzem em grande abundancia em muitos paizes da America, na Australia, na India; que de S. Francisco da California informou já, em carta particuliar, o intelligente consul portuguez que se produz bom vinho de pasto, e têm os cultivadores esperanza de o produzir aproximadamente igual ao do Douro.

« Que em presença de tamanha concorrência se pensa que não bastam direitos protectores, mas é indispensavel um complexo de reformas de diversa indole, desenvolvendo a riqueza publica.

« Que nos paizes da Europa, mais atrazados, como a Russia, se tem feito grandes progressos na industria, commercio e agricultura, pelo alargamento d'empresas, melhoramento agrario, desenvolvimento da instrução popular e technica, onde ha instituições talvez melhor organisadas do que as nossas. Que se calcula que, em um periodo de 50 annos, cada paiz europeu não poderá conseguir mais, reconstituindo as suas fontes de producção, que garantir á industria, agricultura e commercio, o consumo interno. Que d'esta previsão advem maior ambição e lucta nas expansões coloniaes.

« Que entre nós se sente o effeito da concorrência de cereaes e farinhas exoticas, de que não é isento o Minho, pela facilidade dos transportes em via ferrea e estradas ordinarias. Que os nossos cereaes se não exportam, e apenas exportamos especialmente para Inglaterra,

gados, vinhos, minerios, fructas, cortiça e poucos generos; que a nossa propriedade agricola, se não fôra protegida, estaria na ultima miseria. Que a protecção não pôde ser excessiva, porque a isso se oppõem as classes pobres, e cada vez mais, porque o empobrecimento tende a augmentar, e augmentará em grande progressão se se não estabelecerem as reformas convenientes, de modo que todas as classes de trabalho e producção se desenvolvam.

« Que ao desenvolvimento da classe agricola se oppõe a excessiva fragmentação de glebas, especialmente nas partilhas das heranças, por não haver, como já na Allemanha, Noruega, Austria, Estados-Únidos, legislação protectora da constituição de casaes indivisiveis.

« Que entre nós se dá a mesma coisa, porque a fragmentação já é excessiva, proveniente de varias causas, como — excesso tributario, igualdade de partilhas em substancia, jurisprudencia incerta na conferencia de doações, odios dos foreiros ás tradicionaes oppressões dos senhorios directos, excesso de desamortisação, superabundancia de execuções, arrematações por glebas, etc.

« Que a extincção dos direitos banaes, dos serviços pessoases, das pensões foraleiras, pela revolução liberal, foi optima; que a extincção dos vinculos, foi justa; que a doutrina liberal teve até então realisações concretas d'incontestavel beneficio, mas que desde 1868 começou o desvairamento, facultando-se as opções a todos os cointeressados nos prazos, extinguindo-se os censos reservativos, e facultando-se a remissão dos consignativos.

« Que os exaggerados da igualdade de partilhas não recuam perante o absurdo da divisão predial até ao atomo de terra, quando na pratica da vida todos os valores têm unidades irreductiveis.

« Que o proprietario minusculo não só não pôde com os encargos, mas não pôde alimentar a sua familia com os rendimentos da propriedade, o que causa perturbação, e a amortisação no dominio de capitalistas.

« Que as dividas de letras e hypothecas é outra das causas geraes de crise. Que a facilidade e segredo das dividas por letras seduz o lavrador inexperiente, como os menores estroinas, ou precocemente emancipados; e a vulgarisação de bancos, os emprestimos de bancos hypothecarios, com amortisações a prazos fataes e juro alto, não auxiliam a agricultura, mas a arruinam cada vez mais. Que a prova é o desmoronamento vertiginoso das grandes casas de provincia.

« Que apesar d'isto, o novo codigo commercial permite a liberdade das letras, contrariando o codigo civil que prohibe os emprestimos de mais de 400\$000 reis por titulo particular. Que assim o codigo civil, permittindo amplamente a usura, e o commercial as letras, dilatam a esphera d'actividade dos agiotas menos escrupulosos, e a dos falsificadores de letras.

« Que a divida hypothecaria é tamanha que já em 1861 attingia em todo o paiz a 32:732:000\$000 reis, representando $6\frac{1}{2}\%$ do valor total da propriedade; que se a isto se acrescentar a divida de letras, de titulos sem hypotheca, de contratos verbaes, se pôde conjecturar sem receio que metade pelo menos das fortunas dos proprietarios lavradores está absorvida por dividas. Que isto é a prova mais viva, mais eloquente, da decadencia e desordem da propriedade rural.

« Que tratando de apreciar meios d'attenuação, ponderava a necessidade de se reorganisar a propriedade em bases racionaes, recorrendo-se á acção combinada do Estado e da iniciativa particular.

« Que no estado em que se acha o paiz, não póde pedir-se a nenhum governo a suppressão de qualquer typo d'imposto; mas é aceitavel pedir-se que se supprima a contribuição de registro por encabeçamentos e licitações, e se augmente a d'outras incidencias, como nas trocas, successões entre estranhos.

« Que deve seguir-se o exemplo d'Allemanha, permittindo a organização de casaes indivisiveis: o dos Estados-Unidos, Austria, Baviera, Saxe e Hungria, oppondo limites á excessiva fragmentação.

« Que por este meio poderá reorganisar-se o melhor typo de propriedade rural — a pequena e média, o casal maior ou menor, mas que sustente uma familia agricola.

« Que alguns economistas dão grande valor á organização do credito rural; entre outros, o illustre socio honorario snr. conselheiro Franco Castello Branco e o snr. Oliveira Martins; que Léon Say acredita que as organizações do credito agricola salvaram a agricultura da Lombardia. Que outros porém não dão tanto valor ao credito agricola porque ao bom regimen rural o que mais convem é não recorrer a empréstimos. Que o credito rural tambem só de per si não resolve a crise; que apesar da Allemanha, Italia e França estarem bem dotadas com instituições de credito rural, d'iniciativa particular, livres, algumas com administrações gratuitas, e apesar de terem prestado grandes beneficios, não resolveram a crise, e apenas a attenuaram.

« Que sobretudo, o seu espirito de liberal moderado, de provincialno, e a sua desconfiança contra as absorções da capital do reino, se insurgiam contra o projecto do snr. Oliveira Martins na parte em que centralisava em Lisboa as instituições de credito, com excessivas tendencias socialistas pela demasiada intervenção do Estado, e em detrimento da autonomia das corporações de provincia.

« Que estas têm prestado, desde a sua fundação, relevantissimos serviços á agricultura, serviços puramente gratuitos da parte das mezas ou gerencias. Que têm sido verdadeiros bancos populares hypothecarios, sem vexar ou opprimir os devedores, antes resolvendo pelo modo mais favoravel aos devedores a questão economica mui debatida sobre a conveniencia de praso curto ou longo das amortisações: o devedor amortisa quando quer.

« Que lhe parecia mais conveniente que o Estado, no que respeita ao credito rural, faculte, proteja, e até fomenta a sua criação, aperfeiçoando a lei de 22 de junho de 1867; e promulgando uma lei, como a allemã de 24 de maio de 1880, corrigindo a usura, e obstando, não á alta ou baixa do juro conforme as leis economicas dos mercados, mas ao abuso de conjuncturas angustiosas, ou da inexperiencia dos devedores.

« Que na escolha de meios para attenuar a crise se bebesse a lição quer na escola liberal, quer na socialista; que nem devemos ser liberaes insensatos, nem socialistas despotas; que uma e outra escola contem indicações justas e uteis e que para o bom regimen agrario tão bons modelos nos offerece a Allemanha auctoritaria, como a democratica, livre e trabalhadora republica dos Estados-Unidos.

« Quando o illustre conferente terminou, recebeu uma longa salva de palmas, sendo comprimentado pelos cavalheiros mais graduados que alli se encontravam. »

*

Em 15 do mesmo mez, em sessão de assembléa geral, procedeu-se em harmonia com as prescripções do nosso estatuto, á eleição da nova direcção, que ficou constituída dos seguintes socios :

Directores effectivos

Dr. Avelino da Silva Guimarães.
 Dr. Antonio Coelho da Motta Prego.
 Dr. José de Freitas Costa.
 Padre João Candido da Silva, abbade de Gemeos.
 Pedro Pereira Guimarães.
 Simão da Costa Guimarães.
 Gaspar Loureiro d'Almeida Cardoso Paúl.

Directores supplentes

Commendador João Dias de Castro.
 Padre Antonio Garcia Guimarães.
 Antonio José Fernandes.
 Eduardo Almeida.
 Francisco José de Carvalho Oliveira Junior.
 Manoel Joaquim da Cunha.
 Alvaro da Cunha Berrance.

Em conformidade com o preceituado no regulamento da Sociedade a nova direcção tomou hoje posse.

*

Durante o trimestre findo recebeu a Sociedade para a sua bibliotheca offeras de diversos livros.

Aos offerentes, cuja relação se segue, os sinceros agradecimentos da Sociedade.

Atheneu Commercial do Porto, 1 volume;
 Sociedade de Geographia de Lisboa, 4 volumes;
 Anonymo, 1 volume;

Antonio Ferreira dos Santos, 1 volume ;
 José da Silva Ferreira, 3 volumes ;
 Bibliotheca Publica do Porto, 1 volume ;
 José Marques Loureiro, 1 volume ;
 Carlos Affonso, 3 volumes ;
 Costa Goodolphim, 1 volume ;
 Domingos Guimarães, 1 volume ;
 Dr. A. Luiz de Sousa Henriques Secco, 3 volumes ;
 Gaspar Loureiro de Almeida Cardoso Paül, 2 volumes ;
 J. Leite de Vasconcellos, 1 volume ;
 Associação Commercial do Porto, 1 volume ;
 José Pedro de Lima Calheiros, 1 volume ;
 Direcção Geral de Agricultura, 1 volume ;
 Adolpho de Sousa Reis, 1 volume ;
 A. Xavier da Silva Pereira, 8 volumes ;
 Magalhães & Montiz, 1 volume ;
 Rocha Peixoto, 1 volume ;
 Padre Patricio, 1 volume ;
 Dr. Bernardo Lucas, 1 volume ;
 Dr. Alberto Sampaio, 1 volume ;
 José Cierco, 1 mappa de Portugal.
 Dr. F. Martins Sarmiento, 1 volume ;
 Joaquim de Vasconcellos, 1 mappa da Africa ;
 Direcção geral dos correios, 1 volume ;
 Adolpho Salazar, 1 volume ;
 Associação Commercial de Coimbra, 1 volume ;
 José Sarmiento e Domingos Guimarães, 1 volume ;
 Marianno Rocha, 3 volumes ;
 Rodam Tavares, 1 volume ;
 Escola Industrial de Guimarães, 2 volumes ;
 Dr. José de Freitas Costa, 1 volume ;
 Xisto Ximenes, 1 volume ;
 Atheneu Commercial de Braga, 1 volume ;
 E. Carlos Pereira, 1 volume ;
 José Zacharias de Miranda, 1 volume ;
 Sociedade Alexandre Hereulano, 1 volume ;
 Bibliotheca Artistica e Commercial do Porto, 6 volumes.

*

Para enriquecer a sua collecção de jornaes recebeu tambem e agradece a Sociedade mais os seguintes periodicos :

A Patria (Lisboa).
O Tempo (Idem).
Jornal do Norte (Idem).
O Atlantico (Idem).
O Seculo (Idem).
Revista dos Campos (Idem).
Folha do Povo (Idem).

A Agricultura Portugueza (Idem).
Boletim da Direcção Geral d'Agricultura (Idem).
O Zoophilo (Idem).
A Lucta (Porto).
O Rebate (Idem).
A Dosimetria (Idem).
Jornal de Horticultura Pratica (Idem).
Revista das Sciencias Sociaes (Idem).
O Atheneu (Cintra).
A Penha (Guimarães).
O Minho (Famalicão).
Correio de Loanda (Loanda).

*

Para o museu receberam-se ofertas dos snrs. Antonio Ferreira dos Santos e João Ferreira de Abreu, a quem a Sociedade muito agradece.

Guimarães, 1 de abril de 1890.

O secretario

GASPAR L. D'Á. C. PAÚL.